



[Atribuição BB CY 4.0](#)

## ***REFLEXÕES SOBRE RAÇA E GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL***

Felipe Martins Lopes<sup>1</sup>

Letícia da Silva Neves Barreto<sup>2</sup>

Débora Cristina de Araujo<sup>3</sup>

### ***Resumo***

Este artigo, que tematiza raça e gênero das personagens negras na literatura infantil, com ênfase nas masculinidades, tem dois objetivos: analisar como personagens negras femininas e masculinas vêm sendo caracterizadas; ampliar a análise também para a autoria e ilustração das obras selecionadas. A fonte de investigação é um acervo composto por 392 obras e especializado em literatura infantil predominantemente abrangendo produções que, em sua maioria, são reconhecidas como contribuições para a valorização da cultura afro-brasileira e africana. De natureza quali-quantitativa, os resultados indicaram que, no cenário autoral e da ilustração, há pouca mobilidade de homens negros como autores, em contrapartida de mulheres negras como ilustradoras. Com relação às obras, há prevalência de padrões heteronormativos e de papéis de gênero, como se, ao avançar na representatividade negra de modo valorizador, ela não se pudesse incorrer no “combo” de ainda ficcionalizar identidades de gênero outras, para além do padrão.

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor de educação básica da Prefeitura Municipal de Vitória-ES. Pesquisador do grupo LitERêtura. E-mail: [martinsl1902@gmail.com](mailto:martinsl1902@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do grupo LitERêtura. E-mail: [leticiasnbarreto@gmail.com](mailto:leticiasnbarreto@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação (UFPR). Professora de Educação das Relações Étnico-raciais da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do LitERêtura - Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias. E-mail: [debora.c.araujo@ufes.br](mailto:debora.c.araujo@ufes.br)

## ***Palavras-chave***

Literatura infantil; Masculinidades negras; Infâncias; Mulheres negras.

Recebido em: 31/03/2025  
Aprovado em: 09/06/2025

# ***REFLECTIONS ON RACE AND GENDER IN CHILDREN'S LITERATURE***

## ***Abstract***

This article, which addresses race and gender in Black characters in children's literature, with an emphasis on masculinities, has two objectives: to analyze how Black female and male characters have been portrayed and to extend the analysis to the authorship and illustration of the selected works. The research source is a collection of 392 works specializing in children's literature, predominantly encompassing productions that are mostly recognized as contributions to the appreciation of Afro-Brazilian and African culture. With a qualitative-quantitative approach, the results indicate that, in terms of authorship and illustration, there is little mobility for Black men as authors, in contrast to Black women as illustrators. Regarding the works, there is a prevalence of heteronormative patterns and gender roles, as if advancing Black representation in a valuing manner could not also entail fictionalizing other gender identities beyond the conventional standard.

## ***Keywords***

Children's literature; Black masculinities; Childhoods; Black women.

## Introdução

O texto literário pode ser concebido como um catalisador de múltiplos significados, sensações e reflexões, os quais se inter-relacionam e impactam as pessoas que o leem. Essa característica torna-se ainda mais perceptível no público infantil, cuja sensibilidade aos novos conhecimentos é acentuada, favorecendo o estímulo da imaginação, o desejo pela escuta, a necessidade de expressão oral e a capacidade de questionamento. Ademais, a literatura possibilita o distanciamento da realidade concreta e a imersão em um universo ficcional surpreendente, encantador e envolvente, elaborado tanto para as crianças quanto, em certas circunstâncias, por elas.

77

Contudo, como fruto da produção humana que, muitas vezes é forjada em base racista, a literatura também pode assumir um papel excludente, atuando para a disseminação do preconceito e da discriminação. Diante desse cenário, torna-se imprescindível o desenvolvimento de estudos que analisem a qualidade literária, com vistas a contribuir para uma formação leitora crítica e significativa. Tal preocupação se intensifica no contexto da literatura infantil, especialmente no Brasil, onde sua trajetória esteve intrinsecamente ligada a aspectos históricos da constituição da sociedade, destacando-se, entre eles, a questão racial.

Inicialmente, marcada entre europeus brancos e os povos indígenas, com o início do tráfico transatlântico de africanos escravizados, as dinâmicas sociais passaram a ser fortemente atravessadas pela relação entre esses três grupos. No caso do tema deste artigo, o foco se concentra nas relações de poder e de subordinação estabelecidas, respectivamente, para a população branca e a negra. Durante os mais de três séculos de escravização, a população africana e seus/suas descendentes foram sistematicamente desumanizados/as e reduzidos/as à condição de força de trabalho, sendo, assim, excluídos/as dos espaços de representatividade socialmente valorizados, inclusive na literatura, onde sua humanidade não era reconhecida de forma legítima.

Em um primeiro momento, a ausência ou eventual presença marcou a condição de personagens<sup>4</sup> negras na literatura infantil brasileira, especialmente entre 1890 e 1920, conforme discute Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005). Esse período coincidiu com um contexto sociopolítico no qual a elite intelectual e política buscava modernizar o país segundo os moldes da civilização europeia, o que levou à marginalização de grupos que não se enquadravam nesse projeto nacional idealizado, entre eles a população negra. Posteriormente, nas décadas seguintes, a inserção de personagens negras ocorreu de maneira incipiente, sobretudo por meio das obras de Monteiro Lobato, com viés racista e eugenista, além de servir aos interesses do regime vigente. Como resultado, as poucas representações de personagens negras nesse período foram construídas a partir de estereótipos que enfatizavam sua suposta inferioridade em relação à população branca. Até próximo do final do século passado, pouca coisa havia mudado nesse panorama, a não ser um maior número de produções com personagens negras. No entanto, concordando com Maria Anória de Jesus Oliveira (2010, p. 57), a literatura infantil e juvenil “não deixou de reforçar a inferiorização do segmento negro e a valorização do branco [...]”.

Este estudo, entretanto, concentra-se em um panorama mais recente, fortemente influenciado pela promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no ensino fundamental e médio. O aumento no número de publicações com personagens negras protagonistas se deve, em grande medida, pela percepção, por parte do mercado editorial, do filão que se abria com a exigência, a partir especialmente dessa Lei, da valorização da cultura afro-brasileira e africana, embora quantidade não represente necessariamente qualidade. Tal sensação é reiterada por algumas nuances desse panorama, como a análise de raça e de gênero.

Por isso o interesse deste artigo sobre esses dois aspectos – raça e gênero – das personagens negras na literatura infantil, destacando, em grande medida, as masculinidades. São dois os objetivos do texto: analisar como personagens negras femininas e masculinas vêm sendo caracterizadas, tendo a masculinidade como

---

<sup>4</sup> O vocábulo personagem/personagens será usado no feminino para se referir também ao masculino, tal como era a sua origem etimológica

foco principal; ampliar a análise também para a autoria e ilustração das obras selecionadas. A fonte de investigação dessas obras é um acervo especializado em literatura infantil e relações étnico-raciais: o “LitERÊtura – Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias”. Tal grupo, que existe desde 2017, é vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo e vem realizando pesquisas em nível de graduação e pós-graduação sobre a produção literária infantil (mais fortemente) e juvenil, bem como sobre os desafios e avanços na Educação das Relações Étnico-Raciais nos sistemas de ensino.

A justificativa pelo destaque à masculinidade deve-se a uma prevalência (que durou muitos anos mas que recentemente vem mudando) de personagens femininas negras compondo a literatura infantil brasileira. Entre as pesquisas que trataram do tema, destaca-se a de Gouvêa (2005) que, em investigação de obras de literatura produzidas nas primeiras décadas do século XX, constatou que o “[...] negro jovem era percebido como potencialmente perigoso, fonte de agitação, insubordinação ou vagabundagem” (Gouvêa, 2005, p. 86). O estudo de Débora Araujo, Geane Damasceno e Regina Alcantara (2020) identificou problemas similares em produções do final do século passado e início deste, mas reconheceu mudanças, ainda que de maneira bastante tímida, na representação de meninos negros na literatura mais recente. As autoras também alertaram sobre preocupações no que diz respeito ao mercado editorial, principalmente brasileiro, para que a literatura não contribua para a eliminação de meninos, jovens e homens negros no plano estético-literário.

Osmundo Pinho (2014) ressalta as dificuldades de se pesquisar masculinidades negras: os dados sobre esse grupo social, que são quase sempre muito gerais ou fragmentados demais, dificultam a criação de um panorama fidedigno à realidade dessa população. Ainda segundo ele, essa parcela da população é composta por um grupo heterogêneo que apresenta especificidades de acordo com o contexto cultural, econômico, etário etc., criando o que ele chamou de “enigma masculino”. As considerações do autor nos levam à compreensão de que além de difícil análise, a masculinidade negra só pode ser compreendida como um grupo plural.

Ao tratar das masculinidades negras, bell hooks (2021) recupera que em antigas sociedades africanas, homens e meninos se desenvolviam de uma maneira diferente do modelo ocidental, ao qual estamos familiarizados. Mas, no contexto da diáspora africana, após a abolição da escravidão, meninos e homens negros não tiveram outra opção senão adotar o padrão ocidental de masculinidade e família<sup>5</sup>. Dessa forma, de acordo com hooks (2021), meninos são desde cedo socializados dentro do modelo de sociedade patriarcal. As considerações da autora estadunidense confluem com os estudos da socióloga iorubana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021), que mostrou como os conceitos de gênero e de família se desenvolveram de maneiras completamente diferentes em grupos étnicos africanos em comparação ao ocidente.

### *Imersão nos dados: pensando gênero e raça*

Metodologicamente este estudo é de natureza quali-quantitativa. Qualitativa, pois trata os dados captados do acervo a partir de referenciais teóricos sobre raça e gênero, e quantitativa pois, dentre os três tipos de dados classificados por Bernardete Gatti (2004, p. 14-15) - categóricos, ordenados e métricos –, os dados obtidos compõem o primeiro tipo: dados categoriais os quais “[...] são aqueles que apenas podemos colocar em classificações (classes) e verificar sua frequência nas classes”, permitindo agrupamentos “segundo alguma característica, discriminando um agrupamento do outro” (Gatti 2004, p. 14-15), como será demonstrado nesta seção e na seguinte.

O primeiro procedimento metodológico consistiu na quantificação das obras, classificando as personagens de acordo com sua posição de protagonismo ou destaque, considerando o gênero e identificando a pertença étnico-racial dos/das autores/as e ilustradores/as. Todos os livros analisados foram organizados em uma planilha na plataforma Microsoft Excel. A partir dessa listagem, foram extraídos e sistematizados, por meio da ferramenta de planilhas dinâmicas, os seguintes dados: nome; pertencimento étnico-racial e gênero do/a autor/a; país em que se ambienta o enredo; faixa etária da personagem protagonista; nome do/a ilustrador/a; editora responsável pela publicação; e ano da edição.

---

<sup>5</sup> A autora se refere ao contexto estadunidense, mas suas considerações também são importantes para compreender a situação em toda a diáspora africana, como é o caso do Brasil.

A utilização das planilhas dinâmicas possibilitou a criação de subplanilhas interligadas à base de dados principal, permitindo uma filtragem mais refinada e uma análise aprofundada das informações coletadas. Dessa forma, os dados obtidos foram examinados a partir de referenciais teóricos pertinentes, com o objetivo de identificar padrões e estereótipos presentes no conjunto das produções analisadas, realizar cruzamentos de informações extraídas e estabelecer comparações com os achados de pesquisas anteriores.

O acervo analisado, composto por 392 obras literárias predominantemente destinadas ao público infantil e publicadas até 2022, abrange produções que, em sua maioria, são reconhecidas como contribuições para a valorização da cultura afro-brasileira e africana. No que se refere às personagens principais, observa-se que a maior parte das obras, independentemente do gênero literário (prosa, verso, narrativas ou outro) apresenta como protagonista meninas negras (28,2%). Em contrapartida, o número de livros cujo protagonismo é exercido por meninos negros é menor (23,4%). Quando se analisam os/as protagonistas adultos/as, observa-se que enquanto as mulheres negras protagonizam 8,1% das obras, a presença de homens negros nessa posição é de 10%. No entanto, é importante destacar dos 43 livros em que homens negros aparecem como protagonistas, 30 são obras adaptadas<sup>6</sup>. Dessa forma, constatou-se que livros com adultos negros em enredos autorais é de apenas 3,3%, quantidade bem inferior a de mulheres. Além disso, foram identificadas dez obras em que personagens negras, embora não ocupem o papel principal, desempenham funções relevantes para o enredo, razão pela qual foram incorporadas à análise<sup>7</sup>. Com isso, o total de obras contendo personagens masculinas negras com destaque no acervo alcançou 139 títulos.

Outro aspecto relevante refere-se à atualidade das edições. Observou-se que, no período de 2012 a 2022, o número de publicações mais do que dobrou em relação à década anterior, indicando um crescimento significativo na produção e na circulação dessas obras.

---

<sup>6</sup> História adaptada neste trabalho se refere a qualquer adaptação de um gênero textual para literatura infantil, seja uma biografia, um conto local ou clássico, um mito etc.

<sup>7</sup> Para estabelecer a relevância dessas personagens, consideramos como critério de análise o grau de influência que sua presença e suas ações exercem no desenvolvimento da narrativa literária.



Em relação ao gênero dos/das autores/as, identificamos um total de 371 escritores/as distintos/as, sendo 178 do gênero masculino, responsáveis por 164 obras, e 194 do gênero feminino, que produziram 201 obras<sup>8</sup>. Dessa forma, observa-se uma diferença considerável entre o número de autores e autoras, bem como na quantidade de obras publicadas por cada grupo.

Uma das hipóteses que podem justificar a predominância feminina na autoria das obras analisadas é o fato de o acervo ser composto exclusivamente por literatura infantil (com algumas produções juvenis). Historicamente, as mulheres têm sido associadas a determinadas características e funções sociais vinculadas ao cuidado, proteção e acolhimento, atributos tradicionalmente considerados inerentes ao gênero feminino. Esse imaginário está intrinsecamente ligado à maternidade, influenciando a percepção do papel das mulheres em diferentes contextos, inclusive na docência. Assim, mesmo que professoras possuam formação equivalente à de seus colegas homens, o senso comum e a lógica patriarcal atribuem-lhes um suposto instinto maternal “natural”, associado ao zelo e ao cuidado com as crianças.

Nesse sentido, ocorre o fenômeno que Alessandra Arce (2001) denomina de “feminização do magistério”, no qual as mulheres ocupam majoritariamente – com poucas exceções – os espaços da educação infantil, especialmente no atendimento a crianças de 0 a 6 anos. Essa hegemonia, consolidada e raramente questionada, reforça a legitimação do papel feminino no cuidado e a ausência masculina nessas funções. Além disso, a fixação dos papéis de gênero com base no sexo biológico não se restringe ao ambiente escolar, mas se estende a toda a estrutura social. A desresponsabilização dos professores homens pelo cuidado com as crianças na escola reflete, de maneira mais ampla, a isenção de responsabilidade dos pais em relação à criação dos filhos no âmbito privado. Como consequência, as mulheres não apenas assumem a função de educadoras e cuidadoras, mas também se tornam as principais responsáveis pela pesquisa e

---

<sup>8</sup> Além disso, algumas publicações foram desenvolvidas de forma colaborativa, envolvendo mais de um autor ou autora. Dentre essas, quatro foram escritas exclusivamente por autores, seis por autoras e 17 apresentaram autoria mista (homens e mulheres).

produção de conhecimento sobre temáticas relacionadas às infâncias, incluindo a literatura infantil.

Outra hipótese que justifique a maior presença de mulheres na autoria de obras infantis é a percepção equivocada de que a produção literária para esse público demanda menor esforço intelectual, responsabilidade e dedicação. Essa visão reduz a literatura infantil a meras “historinhas”, minimizando seu valor artístico e educativo. Da mesma forma, a atuação docente na educação infantil é frequentemente interpretada sob uma ótica assistencialista, segundo a qual o papel da escola nesse nível de ensino restringe-se a suprir a ausência materna, enfatizando o cuidado em detrimento da dimensão pedagógica, conforme discute Ronan Gaia (2015).

A análise da quantidade de obras publicadas revela que, entre os/as 29 autores/as que lançaram três ou mais títulos, 14 são mulheres e 15 são homens. Dessa forma, observa-se que, embora o número total de autoras seja superior ao de autores, essa diferença é compensada pelo fato de os homens publicarem um número maior de obras. Esse fenômeno pode ser atribuído à maior facilidade de acesso dos escritores do gênero masculino ao mercado editorial, bem como à sua promoção e legitimação ocorrerem de maneira mais ágil em comparação às mulheres. Nesse sentido, o mercado editorial reflete as dinâmicas de uma sociedade estratificada, na qual os homens encontram menos barreiras para ingressar e se consolidar em determinados espaços, enquanto as mulheres enfrentam obstáculos e resistências para alcançar reconhecimento. Assim, para que possam se estabelecer e manter suas posições nesse campo, as escritoras precisam despender esforços adicionais em relação aos seus pares masculinos.

No entanto, se observamos os dados a partir do pertencimento étnico-racial dos autores e autoras e focalizando também as personagens protagonistas por eles/as produzidas, notam-se mudanças nesse cenário. A identificação étnico-racial dos/das escritores/as foi realizada por meio do procedimento de heteroidentificação, a partir da análise de fotografias disponíveis na internet. Os dados indicam que a maioria dos/das autores/as que produziram obras com personagens masculinas negras são brancos/as (52%), enquanto escritores/as negros/as são responsáveis por 44% dessas publicações. Além disso, 3% dos/das

autores/as não tiveram seu pertencimento étnico-racial identificado, e 1% das obras foram elaboradas de forma colaborativa, por escritores/as de diferentes pertencimentos raciais.

Mesmo sem a distinção por gênero, os resultados evidenciam que, no campo da literatura infantil, homens negros não detêm a hegemonia autoral sobre obras que apresentam personagens masculinas negras. A discrepância mais significativa reside no expressivo número de obras escritas por homens brancos, que supera os demais grupos analisados. Um aspecto adicional relevante sobre essa produção é que a maior parte das narrativas com personagens masculinas negras, escritas por autores brancos, é ambientada fora do Brasil (82%), sendo a África o principal cenário dessas histórias.

Ao menos duas hipóteses podem ser levantadas para explicar a reduzida presença de autores negros na literatura infantil: os desafios socioeconômicos e o impacto do sexismo. O racismo impõe aos homens negros uma série de obstáculos socioeconômicos que, por sua vez, resultam em dificuldades de acesso ao mercado editorial. Segundo o Censo Escolar divulgado pelo Ministério da Educação (2023), os meninos apresentam taxas de evasão escolar mais elevadas do que as meninas, e os estudantes negros evadem em maior número do que os brancos. Esse padrão se repete nos índices de distorção idade-série e de reprovação, evidenciando um déficit educacional mais acentuado entre meninos em comparação com meninas e entre estudantes negros/as em relação aos/as brancos/as. Esses dados demonstram a precarização da escolarização dos homens negros e, conseqüentemente, sua limitação no acesso à cultura letrada e à literatura. Entretanto, outros fatores contribuem para essa realidade, como o encarceramento em massa de adolescentes e adultos negros, a elevada taxa de desemprego que atinge essa população e a necessidade de se dedicarem prioritariamente a atividades pouco valorizadas para garantir a própria subsistência. Além disso, o genocídio e a violência exercidos tanto pelo crime organizado quanto pelo Estado brasileiro impactam significativamente as possibilidades de inserção do homem negro no mercado editorial. Diante desse cenário, percebe-se a sistemática marginalização dessa população no que se refere ao acesso à educação de qualidade, ao tempo disponível para a leitura e a escrita, e aos recursos necessários para ingressar no meio literário.

Além disso, a influência do sexismo na ausência de autores negros também pode ser compreendida a partir da organização social que associa as atividades de cuidado, afeto e infância ao chamado “universo feminino”. Isso pode contribuir para que as infâncias e as produções literárias a elas endereçadas não estejam no escopo de interesse dos homens que conseguem acessar o mercado editorial. O reduzido envolvimento masculino com as infâncias pode estar relacionado à própria construção da masculinidade na sociedade, que se baseia na supressão das emoções, na imposição da força física e no controle sobre si e sobre os outros. No caso específico da masculinidade negra, somam-se ainda os estereótipos de brutalidade, irracionalidade, impulsividade e periculosidade. Essa caracterização, fortemente estereotipada, contrasta com as necessidades das crianças, tradicionalmente inseridas no âmbito feminino e no espaço doméstico, em que a educação infantil é frequentemente equiparada a uma extensão do lar e as professoras, à figura materna.

bell hooks (2021) aponta que homens, especialmente negros, não costumam se perceber como responsáveis pelo trabalho afetivo e pelo bem-estar psicológico das crianças. Por outro lado, as próprias crianças podem não se sentir merecedoras do afeto masculino, enquanto os meninos negros crescem sem referências que lhes possibilitem romper com os padrões hegemônicos de masculinidade estabelecidos pelo paradigma ocidental. Nesse contexto, torna-se fundamental a valorização de representações de masculinidades negras que escapem dos estereótipos historicamente atribuídos. Um desafio adicional a essa questão reside no fato de que homens que não reproduzem os padrões tradicionais de masculinidade são frequentemente vistos como menos viris, em uma sociedade cuja organização depende da manutenção de papéis de gênero rigidamente estabelecidos.

No que tange à participação de ilustradores e ilustradoras do acervo, foram identificados 404 profissionais, sendo 202 homens e 202 mulheres. Esse dado evidencia um equilíbrio numérico entre os gêneros dentro dessa categoria profissional. No entanto, verifica-se que muitos/as desses/as profissionais ilustram múltiplas obras, o que impossibilitou a identificação precisa do número de ilustradores/as distintos/as.

Quanto ao pertencimento racial dos/as ilustradores/as, observa-se uma disparidade significativa em comparação ao cenário autoral. Enquanto o número de ilustradores negros corresponde à metade do total de ilustradores homens, entre as mulheres, as ilustradoras brancas superam em mais de três vezes o número de ilustradoras negras. Esse panorama evidencia que, no campo da ilustração, a distribuição de oportunidades e reconhecimento segue uma lógica hierárquica estruturada a partir do marcador racial. Assim, a maioria das obras ilustradas por um/a único/a profissional são atribuídas a mulheres brancas, seguidas por homens brancos, homens negros e, por fim, mulheres negras, que representam apenas 12,2% do total de ilustradores identificados.

Uma das hipóteses para esse cenário relaciona-se, primeiramente, ao maior acesso de mulheres e homens brancos à formação acadêmica e profissional necessária para atuar como ilustradores/as, seja por meio de cursos superiores em Design, Belas Artes ou formações complementares. Em segundo lugar, a aceitação e consolidação profissional desses grupos no mercado editorial ocorre de maneira mais ágil e consolidada. Por outro lado, ilustradores e ilustradoras negros/as enfrentam desafios adicionais, decorrentes das desigualdades estruturais que permeiam a sociedade. A necessidade de direcionar seus esforços a atividades que garantam um retorno financeiro imediato e estável, muitas vezes dificulta a dedicação à carreira artística. Esse fenômeno foi evidenciado na pesquisa de Mariana Souza (2019), que, em entrevista com Josias Marinho, um dos mais renomados ilustradores negros da literatura infantil, apontava a baixa representatividade de estudantes negros/as nos cursos de Artes. Além disso, o artista denunciava, segundo a autora, “[...] o raríssimo contato com referenciais teóricos e artísticos negros, ausência de professores e professoras negras, bem com a desvalorização das produções afrocentradas” (Souza, 2019, p. 38).

A situação das mulheres negras no campo da ilustração se torna ainda mais crítica quando analisada sob a perspectiva socioeconômica. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2010a), mais de 50% das mulheres negras são as únicas responsáveis pelo sustento de seus lares e filhos. Diante dessa realidade, a profissão de ilustradora se apresenta como um caminho de difícil acesso, uma vez que exige formação específica, cuja obtenção

é mais desafiadora para essa parcela da população. Outros dados (Brasil, 2010b) apontam que, entre as famílias que sobrevivem com menos de meio salário mínimo por pessoa, dois terços são chefiadas por indivíduos negros/as. Esse fator contribui para que, mesmo quando inseridos no mercado editorial, ilustradores/as negros/as enfrentem dificuldades para garantir sua permanência na profissão, em razão da baixa rentabilidade do trabalho artístico.

Por fim, observa-se que poucas obras contam com mais de um/a ilustrador/a. Já nos casos em que há ilustrações compartilhadas, há uma predominância de parcerias entre profissionais brancos e negros, o que indica uma presença ainda restrita de ilustradores/as negros/as atuando de forma autônoma na literatura infantil.

### *O que mais há para dizer sobre as masculinidades?*

Diante dos limites deste artigo, não será possível apresentar análises individualizadas das obras com personagens masculinas negras em protagonismo ou destaque. Por isso, as informações nesta seção discutirão aspectos gerais, especialmente em relação à faixa etária e à adaptação das obras. Esta seção se concentrou nos 139 livros do acervo.

Diante da ausência de informações explícitas sobre faixas etárias em grande parte dos livros analisados, a identificação das idades das personagens foi realizada por meio de uma análise qualitativa, baseada na observação da fisionomia, do tipo de narrativa e dos padrões de comportamento das personagens. A partir dessa análise, foi possível estabelecer uma classificação abrangente, compreendendo as seguintes categorias: bebês, crianças/adolescentes, adultos, idosos e uma categoria adicional denominada “várias fases da vida” – destinada a obras com personagens em múltiplas faixas etárias. Devido à dificuldade em distinguir crianças de adolescentes na maioria das obras, essas duas faixas etárias foram agrupadas em uma única categoria, com predominância de crianças.

Os resultados da classificação revelaram a seguinte distribuição percentual: 61% de crianças/adolescentes, 30% de adultos, 4% de personagens em “várias fases da vida”, 3% de bebês, 1% de idosos e 1% de livros nos quais não foi possível

identificar a idade das personagens. A discrepância observada entre a representação de crianças/adolescentes e as demais faixas etárias evidencia um padrão alinhado com o etarismo prevalente na sociedade ocidental, caracterizado pela sub-representação de protagonistas idosos/as, tanto do gênero masculino quanto feminino. No levantamento realizado, constatamos que personagens idosos frequentemente figuram como coadjuvantes, desempenhando papéis de cuidado, contadores de histórias, protetores de tradições e/ou conselheiros, cenário semelhante ao identificado por Gouvêa (2005) no início do século passado, com a diferença de que as personagens socializadas por idosos negros são predominantemente crianças negras. Contudo, esses idosos persistem em seus papéis de guardiões de uma cultura ou tradição situada no passado.

Embora frequentemente associados a contextos de valorização cultural, a análise do acervo revela que a recorrência de idosos negros nesses papéis sugere uma vinculação à nostalgia, restringindo-os a um passado idealizado em detrimento de uma participação ativa no presente em constante transformação.

Outra categoria sub-representada é a de bebês. O segundo grupo mais representado é o de homens negros; contudo, existe uma importante especificidade sobre suas aparições: na predominância de vezes que aparecem, em 30 estão em obras adaptadas, indício de que há um padrão de representação de homens negros. Esse dado revela a ausência de representações de adultos negros vivendo vidas reais em cotidianos comuns na contemporaneidade. Uma das hipóteses levantadas é a de que a estereotipia que cerca a masculinidade negra (Pinho, 2014) tenha aprisionado suas figuras em uma imagem violenta, criminosa, bruta, de pai ausente, instável. E isso se estendeu no plano literário, gerando, nos/as autores/as, dificuldade de imaginá-los/as em harmonia com outras personagens contemporâneas.

A predominância de homens negros na literatura infantil contemporânea, geralmente restrita a biografias de figuras históricas ou recontos de mitos – especialmente africanos – sugere que a representação de adultos negros ainda enfrenta obstáculos relacionados à persistência de estereótipos considerados “indigeríveis” no contexto brasileiro atual. Consequentemente, sua representação



positiva parece limitada a narrativas que remetem ao passado ou a culturas distantes.

A evocação do passado, embora não intrinsecamente negativa, adquire uma dimensão problemática quando se considera a análise de Franz Fanon (2022), que destaca como o colonialismo não apenas impõe sua lei ao presente e futuro, mas também despoja o passado de sua dignidade, caráter e originalidade. Nesse sentido, a literatura infantil contemporânea deve confrontar o presente, engajar o público colonizado, incitar a indignação e apresentar novas possibilidades de “vir a ser” diante das demandas do contexto histórico atual. Assim, questiona-se em que medida a literatura tem proporcionado a incorporação de narrativas que desafiem a representação monolítica do homem negro, promovendo novas perspectivas e desconstruindo estereótipos.

Por fim, destaca-se também a prevalência de padrões heteronormativos e de papéis de gênero nos livros destinados a todas as faixas etárias. Por haver somente uma obra que destoa dessa prevalência, faz-se necessário nomeá-la e apresentar algumas considerações: é o livro “Julián é uma sereia”, de Jéssica Love (2009), que apresenta uma criança cujos comportamentos e preferências estéticas divergem dos padrões tradicionalmente atribuídos ao gênero masculino na sociedade contemporânea. Como argumenta Daniela Santos Alacrino (2024, p. 69-70):

Uma vez que as transições de gênero são colocadas nesse lugar de enfermidade, isso implica a forma como as pessoas que não seguem os padrões heterossexuais cis se identificam. A obra de Jessica Love (2021) foge de todas essas construções negativas, pois não normaliza a heterossexualidade.

[...]

A obra analisada pode contribuir para superação do racismo e discriminação racial, pois representa corpos que não são temas de estudos (Oliveira, 2017). A personagem principal é negra, mas também uma criança que se reconhece em uma figura feminina. É importante, portanto, que a produção literária infantil também reconheça as infâncias em sua multiplicidade das identidades de gênero, considerando a experiência humana de modo que amplie (e desafie) os modelos heteronormativos e brancos.

À parte isso, o acervo – que pode ser considerado, de certa maneira, uma amostra do que vem sendo produzido nos últimos anos – mantém cristalizados modelos e papéis de gênero, como se, ao avançar na representatividade negra de modo



mais valorizador, produzindo importante “fraturas literárias”<sup>9</sup> no cânone, como analisa Oliveira (2010), ela não se pudesse incorrer no “combo” de ainda ficcionalizar identidades de gênero outras, para além do padrão.

### *Para continuar pensando*

Ao menos a partir de um acervo especializado em literatura infantil com temática de valorização da cultura africana e afro-brasileira, os resultados deste estudo indicam que no cenário autoral, quantitativamente não há desigualdade de gênero, pois as obras de autores e autoras encontram-se em número similar. Em relação à disparidade na quantidade de produções, no quesito cor/raça esta é notada somente ao analisar a categoria de gênero feminino, na qual as negras são 57% do total das autoras. Essa área é dominada por obras de mulheres negras (e isso é reflexo do tipo de obras do acervo: centralizadas em personagens negras), seguidas quase igualmente por mulheres e homens brancas/os e por homens negros.

No entanto, se as mulheres são maioria entre os autores e autoras no todo do acervo e os homens são maioria no que diz respeito à produção de obras com personagens masculinas negras, é possível presumir que a ampliação do campo de interesse de homens sobre as infâncias e sua cultura é fundamental para ampliar, ao menos quantitativamente, a representação de meninos negros. Levando em conta ainda que a maior parte das obras escritas por homens brancos são adaptações, é necessário pesar a importância de aumentar a participação de homens negros na produção de literaturas voltadas às infâncias, principalmente almejando uma valorização do protagonismo de negros adultos em situações cotidianas na contemporaneidade. Portanto, se por um lado a inserção de homens negros na literatura infantil depende do rompimento de uma série de barreiras dos mais variados tipos, por outro, o aumento da participação desses agentes pode acarretar a criação de novas possibilidades, sobretudo para meninos negros que, nesse sentido, poderiam ganhar novos elementos para se projetar em

---

<sup>9</sup> “A ‘fratura’ consiste na inserção de temas, ideias e subjetividades preteridas da chamada literatura canônica e/ou impressa em seu corpus textual tendenciosamente desqualificada ou omitida, de modo a perpetuar e hierarquizar, diga-se de passagem, a tendência marcadamente eurocêntrica em detrimento das demais, a exemplo da ascendência africana” (Oliveira, 2010, p. 84).

espaços e atividades diferentes daqueles ocupados e exercidos pela masculinidade negra, ou ao menos pelos estereótipos que a cercam.

E se no cenário ilustrativo não há desigualdade de gênero predominando, em contrapartida, há intensa disparidade ao considerar o marcador raça, visto que obras ilustradas por pessoas negras são menos da metade das assinadas por brancos/as. A disparidade é ainda mais evidente ao analisar as obras do gênero feminino, nas quais apenas 1/3 pertence a ilustradoras negras.

A análise quantitativa apontou que ainda existem lacunas a serem preenchidas pela literatura infantil voltada à valorização da cultura afro-brasileira e africana, principalmente acerca da representação de homens negros adultos. Destacam-se, também, algumas repetições, como o fato do acervo apresentar um padrão etarista, e das personagens, em sua ampla maioria, seguirem os papéis de gênero conforme os paradigmas ocidentais. Além disso, meninos negros são menos de um quarto das personagens de um acervo especializado em obras com temática da cultura afro-brasileira e africana. Ademais, a defasagem no número dessas personagens amplia-se de maneira colossal quando consideramos o panorama geral dos livros direcionados às infâncias que circulam no mercado editorial brasileiro.

## Referências

- ALACRINO, D. S. **Afetos e representações de famílias negras na literatura infantil**: por uma educação literária. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Programa Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/5289b53f-57f9-47d7-9a1f-796aa0bc48da/content>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- ARAUJO, D. C; DAMASCENO, G. T.; ALCÂNTARA, R. G. Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes. **Revell**, Mato Grosso do Sul, v. 2, n. 25, p. 284-310, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4732>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- ARCE, A. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 113, p. 167-184, jul. 2001. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/606/622>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- CENSO ESCOLAR 2023. **Divulgação dos resultados**. Brasília: Inep, 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=eZMzHDGyh\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=eZMzHDGyh_Y). Acesso em: 29 mar. 2025.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GAIA, R. S. P. Gênero e docência na educação infantil: reflexões acerca das relações entre a prática do cuidado e a atuação masculina em uma profissão culturalmente feminina. **Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 99-109, jul-dez, 2015. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170627113248.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627113248.pdf). Acesso em: 29 mar. 2025.
- GATTI, B. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/XBpXkMkBSsbBCrCLWjzyWyB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- GOUVEA, M. C. S. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27963/29735>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- hooks, b. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. São Paulo, Elefante, 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**: Estatísticas de gênero. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=50,-15,51,52,-16,55,56,-18,128&ind=4703>. Acesso em: 29 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010b**: Estatísticas de gênero. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-14,-15,51,52,-16,55,56,-18,128&ind=4703>. Acesso em: 29 mar. 2025.

LOVE, J. **Julián é uma sereia**. São Paulo: Boitatá, 2021.

OLIVEIRA, M. A. de J. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007)**: entrelaçadas vozes tecendo negritudes. 2010. Tese (doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6163/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

PINHO, O. Um enigma masculino: interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. **Universitas Humanistica**, n. 77, p. 227-250, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/5945/6432>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SOUZA, M. S. **Ilustração de personagens negras na literatura infantil**: Um olhar sobre as produções de Josias Marinho. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019.